

EDITORIAL CRÍTICO

NÃO BATEMOS NA MESMA TECLA, SÓ APONTAMOS O QUE VOCÊ INSISTE EM NÃO VER.

Desde a última edição da Revista Enfrentamento já indicávamos a existência de indícios revolucionários que explodem na atualidade das sociedades capitalistas, e passados alguns meses tais indícios (como as greves gerais na Europa, manifestações em massa, golpes de estado, conflitos armados, criação de centros sociais, multiplicação da propaganda revolucionária ao redor mundo, entre inúmeros outros acontecimentos) se reafirmam cotidianamente, sendo contidos pela violenta reação da classe capitalista e de seus representantes que ganha força em várias partes do planeta: denúncias de torturas, massacres e toda forma de violência pela polícia, ascensão de militares em cargos do poder legislativo e executivo, a grande mídia segue todo-poderosa condenando as diversas lutas sociais, afirmando o direito sagrado do trabalho em países com massivas greves gerais e também as lamentáveis cenas de “militantes” do Partido Comunista Grego defendendo o parlamento Grego e atacando com pauladas e bombas as manifestações de repúdio às políticas neoliberais aprovadas recentemente nesse país. Todos esses acontecimentos fazem parte do cenário atual da luta de classes, o que está apontando para a inviabilidade histórica do Regime de Acumulação Integral enquanto etapa atual da acumulação do capital, mais destruidora do que nunca.

Ao que tudo indica, mais uma vez a classe trabalhadora vai pagar as contas da fanfarra que satisfaz os bolsos do grande capital nas últimas décadas o que vem se traduzindo no crescimento da miséria em várias partes do planeta, enquanto em outros países o ilusório crescimento econômico ajuda a conter em certa medida a insatisfação popular, como vem sendo o caso do Brasil e outros países periféricos que sustentam a acumulação de capital nos países de capitalismo central. Mas agora que a crise se avoluma e toma a forma de mais miséria e sofrimento para as classes trabalhadoras, novos dilemas aparecem: como conseguirá a classe trabalhadora europeia enfrentar a crise e obter respostas satisfatórias sem que não resulte em mais exploração nos países de capitalismo subordinado? Até que ponto vai a estabilidade capitalista que ao diminuir a exploração do proletariado em determinadas regiões do planeta necessita inevitavelmente intensificar a exploração em outras regiões? Como a classe trabalhadora conseguirá obter respostas satisfatórias à nova dinâmica da luta de classes?

Uma coisa, contudo, é certa: somente o enfrentamento direto e radical entre as classes conseguirá expor os caminhos abertos para o novo horizonte utópico que se espreita alhures e aponta saídas concretas e viáveis historicamente para a necessária emancipação da humanidade. Diante dos dilemas que a luta de classes traz para a classe trabalhadora, bem maiores que para os detentores do poder e dos meios materiais de destruição em massa da população mundial, essa mais nova edição da Revista Enfrentamento continua a sua crítica a todas as instituições e ideologias da sociedade capitalista. Assim, trazemos para os leitores interessados e com a perspectiva de radicalizar na luta a crítica às relações sociais de propriedade capitalista feita por Paresh Chattopadhyay e as ambiguidades e contradições que a luta contra a propriedade podem trazer, tendo como o mais drástico resultado a deformação de Lênin às concepções de Marx. A materialização da instituição do dinheiro na consciência dos seres humanos é denunciada por Nildo Viana, crítico da sociedade em que o dinheiro aparece como valor fundamental para milhões de seres humanos. A crítica da burocracia escolar é desenvolvida por Lucas Maia, demonstrando tanto a força dessa classe social, como as contradições do ambiente escolar que, na sociedade hiper-mercantilizada e burocratizada, secundariza cada vez mais seu objetivo final, a relação ensino-aprendizagem. Em contra partida, também são realizados apontamentos sobre as possibilidades de superação das contradições desse mesmo ambiente (escola) produzido na sociedade capitalista, o que é feito por Marcos Ataídes e João Gabriel da Fonseca Mateus demonstrando que o desenvolvimento de uma perspectiva Anarquista no interior do conhecimento geográfico pode trazer contribuições para a Educação Libertária. O terceiro conjunto de textos apresenta como a estratégia de luta dos trabalhadores é passível de transformações e deformações ao longo do tempo: primeiramente, João Gabriel da Fonseca Mateus expõe as origens históricas do sindicalismo revolucionário e ao mesmo tempo aponta que sua derrota representou uma ofensiva das classes dominantes, através do Estado, e a criação da burocracia sindical. Em seguida, Adriano José Borges demonstra o quanto numa perspectiva burguesa é passível de se deformar propostas de luta dos trabalhadores, o que é feito através da crítica à Hanna Arendt e a velha separação típica do pensamento burguês entre necessidade e liberdade. Há, por último, uma tradução do texto de Karl Marx “Benefícios secundários do crime”, em que se comprova que mesmo as ações mais condenadas têm sim uma razão de existir em meio às infinitas contradições da sociedade capitalista.

Sem mais delongas...

Boa leitura.